



POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

Director, Editor e Proprietário:
Manuel Virginio Pires

Redacção e Administração — Rua Dr. Parreira, 13 — Telefone 127 — TAVIRA — Composição Impressão — Tipografia «Povo Algarvio» Telef. 266 — TAVIRA

HOMENAGEM À MEMÓRIA DO DR. CARLOS PICOITO

No passado dia 24 do corrente, conforme havíamos noticiado, celebrou-se na igreja de Santo Estêvão, sua freguesia natal, Missa pelo seu eterno descanso. Foi celebrante o reverendo Arsénio Aguas, Prior da freguesia, que pronunciou uma brilhante homilia sobre o acto, que teve a presença do Presidente da Câmara, Vereação municipal, Direcção da Sociedade Orfeónica de Amadores de Música e Teatro, entidades oficiais concelhias e muitos amigos do saudoso extinto.

Ao fundo da igreja destacavam-se os estandartes do Orfeão e da Casa do Povo de Santo Estêvão.

Findo o 1.º acto da cerimónia seguiu-se a romagem ao Cemitério, tendo sido, a convite do Presidente da Câmara de Tavira descerrada, pela

sr.ª D. Ilda de Freitas Picoito, prima do falecido, uma lápide como preito



de homenagem da Câmara Municipal. Usou em primeiro lugar da palavra o sr. Dr. Eduardo Mansinho, seu antigo discípulo e amigo, que fez comover toda a assistência.

Por nos ter sido gentilmente cedido o discurso, é com prazer que o transcrevemos na íntegra.

CARLOS!

Vim para falar contigo
Para isso, não fui convidado nem obtive licença de quem quer que fosse.

Devo-te esta conversa desde o dia que para aqui te trouxeram, e em que grande número de pessoas, por dever e amizade, piedosamente te acenou o último adeus.

Demoras escusadas e tempo agreste, impediram então, que eu, teu amigo e colega, te dissesse, à beira da tua campa, o que nessa altura seria oportuno.

Então falará para muitos!

(Continua na 2.ª página)

TROVA

A vida é um mar de pranto,
Lágrimas a toda a hora,
O homem tem tal quebranto
Que até de alegria chora.

V. P.

UMA CARTA

Agradecimento

Meu caro Virginio Pires:

Coberto de luto há um ano e triste, agradeço, penhoradamente, por intermédio do seu conceituado jornal, a homenagem prestada ontem à saudosa memória do meu querido filho, Carlos Picoito. Por ele trabalhei, por ele me sacrifiquei para lhe dar um curso superior, para fazer dele um homem em destaque na sociedade. Cumprir o meu dever. Ele também cumpriu o seu. Morreu novo. Quis a desventura arrancá-lo do convívio de nós todos, levando-o nas suas garras tenebrosas para a eternidade. Que descanse em paz no cemitério da minha aldeia até ao dia em que eu vá para ali fazer-lhe companhia para sempre. Que descanse em paz no mundo dos mortos, já que não teve paz no mundo dos vivos. Sobre a sua cabeça de homem pensador e sentimentalista pairava um drama pungente do qual sucumbiu, deixando, como filho único, os seus pais desamparados no último quartel da vida.

Com a mais alta consideração e estima me subscrevo

João Picoito Júnior

Tavira, 25-10-1967

COMANDANTE

CARLOS PACHECO PINTO

Foi nomeado ajudante-de-campo do sr. Ministro da Marinha, lugar que briosamente já exercera, o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. capitão-tenente Carlos Pacheco Pinto, a quem por tão honrosa distinção endereçamos as nossas felicitações.

NADA

(À saudosa memória do Dr. Carlos Picoito)

Quando os Vermes passarem sobre mim,
Sobre este corpo inerte e regelado,
No satânico e mórbido festim
Desse prazer de gula consumado.

Já nada restará depois enfim
Do miserando corpo descarnado!
— A ossada do velho manequim —
Que já não tem presente nem passado.

E assim terminará o meu inferno!
Deixem-me pois dormir o sono eterno,
Um sono que ninguém vá despertar.

Já exausto de tanto sofrimento,
Como expressão do último lamento
Ficará uma cruz a recordar.

VIRGINIO PIRES

INAUGURA-SE NO DIA 1 DE NOVEMBRO

«O CENTRO DE COLHEITAS DE SANGUE»

no HOSPITAL de TAVIRA

A Mesa da Misericórdia de Tavira tem a honra de dar conhecimento público da próxima entrada em funcionamento do seu Centro de Colheitas de Sangue.

Este Serviço, complemento indispensável dos outros já existentes, vem enriquecer sobremaneira o património clínico do Hospital de Tavira e tornar assim ainda mais eficiente a sua já profíqua acção regional.

A utilidade e regular actividade deste novo Serviço está, porém, até certo ponto, dependente do espírito de solidariedade humana e da compreensão que se vier a encontrar no

(Continua na 2.ª página)

«Um aérogama de Timor»

SAGRES

paragem onde um português

iluminou o Mundo

ALGUÉM longe do solo berço, e no cumprimento do mais alto dever de patriotismo ou seja «Na defesa do nome Português que se encontra espalhado pelas sete partidas do Mundo», um vosso conterrâneo e fervoroso leitor do Povo Algarvio, nos escassos momentos de ócio, surgiu-lhe a ideia de elaborar um artigo sobre: o principal património que nos une aos nossos antepassados do século XV, essa raça de valor e glória que foram os principais pioneiros da construção da pequena Vila populacional, mas a maior no significado, cujo nome primitivo foi do seu Fundador propriamente dito «VILA DO INFANTE» situada no extremo do Cabo de S. Vicente, e sobre orientação arquitectónica do Infante D. Henrique, que ali chegou em 1416 e permaneceu até à data da sua morte em 1460, dirigia toda a nossa acção nos descobrimentos, cujo fim era: — conhecer e desvendar o mar Tenebroso; encurtar as relações comerciais com os povos de além mar;

(Continua na 2.ª página)

A CORPORAÇÃO DE BOMBEIROS DE TAVIRA

RECEBEU UM PRONTO-SOCORRO

para SOCORROS a NAÚFRAGOS

CONFORME noticiámos em Abril, do corrente ano, a nossa prestimosa Corporação de Bombeiros Municipais acaba de receber um magnífico Pronto-Socorro, marca Land-Rover, para transporte de pessoal e respectivo atrelado, com todo o equipamento necessário para socorros a náufragos. E' pois com prazer que hoje voltamos a informar os nossos leitores de que na noite de 24 do corrente, pelas 21 horas, no

Quartel da Corporação, na presença dos Bombeiros, em formatura, das entidades oficiais, Comandante dos Bombeiros de

Vila Real de St.º António, Imprensa e de muito povo que ocorreu ao acto, o sr. Comandante Luís Fernando Pequito Pimentel, capitão dos Portos de Tavira e Vila Real de Santo António, fez a entrega simbólica da chave da nova viatura, ao sr. José Filipe Ribeiro, denominado Comandante dos Bom-

(Continua na 2.ª página)



Um aspecto do Pronto-Socorro a Náufragos e respectivo atrelado

O Abastecimento de Peixe

está assegurado

pela Produção Nacional

Para fazer face à deficiente cobertura do país no que diz respeito ao abastecimento de peixe, o Ministério da Economia deu início, há cerca de um ano, através do S.A.P.P., a uma campanha que desde já

se pode classificar de êxito total.

Assim, as reservas da produção de peixe congelado em Portugal atingem, neste momento, cerca de seis mil toneladas.

(Continua na 2.ª página)

Banda de Tavira

Sob a regência de Sebastião Leiria, realiza esta Banda, Domingo dia 29, de Outubro de 1967, um concerto das 15,30 às 17,30 horas, com o seguinte programa:

I PARTE

Franco Esquerdo - P. D. . . . H. Rocha
Alessandro Stradella - Ouverture Flotou
Chanson Russa L. Smith
Viúva Alegre - Opereta . . . Franz Lehár

II PARTE

Suite Portuguesa Ruy Coelho
Artur Santos - P. D. Chiorria

CHOVEU NO ALGARVE

NOS passados dias 20, 21, 22 e 23 do corrente, choveu afinal nesta região que há cerca de oito meses vivia sob a acção de uma seca indesejável que muito prejudicou as culturas.

Mas as chuvas não vieram só, acompanhou-as um vento ciclónico que soprou na manhã de domingo, dia 22, na freguesia da Conceição e arrancou dezenas de árvores, destruindo alguns edifícios velhos.

Esse tornado teve uma extensão de 5 Km, com 80 m de largura, levantando um barco que foi largar a mais de 50 metros de distância.

Felizmente não houve prejuízos pessoais.

Homenagem à memória do Dr. Carlos Picoito

(Continuação da 1.ª página)

Hoje, embora muitos também estejam presentes, falo só para ti. Devo-te estas palavras, até por dever de reciprocidade.

Sei que, se fosse eu que tivesse desaparecido do mundo dos vivos, tu, serias o primeiro, com ou sem convite, ou licença de quem quer que fosse, a vir à minha beira, com a tua palavra quente repassada de dor.

Só isto justificaria a minha atitude.

Em virtude da diferença de idade que entre nós existia, eu não fui teu companheiro de escola e de liceu. Mas quando os moços espigam e passam a parecer homens, comecei a falar contigo e tu comigo.

Quero afirmar-te, Carlos, que o meu interesse foi determinado, em parte, por tu seres filho do sr. Picoito da Junta Autónoma, que eu sabia ser amigo de meu Pai, e a quem este dedicava amizade e admiração.

Este facto, acredita, prevaleceu sempre, nas relações que contigo mantive.

De princípio era um sentimento obrigação, em homenagem à amizade que sempre uniu os nossos pobres pais.

Pobres, porque perdi o meu, e o teu porque ficou sem ti!

Já então na Universidade, estavas tu no 6.º ano do liceu, soube que pensavas ir para Direito.

Ante os teus desejos, fortalecendo a tua vontade.

Quando foste para a Faculdade, em Lisboa, fugi eu dela para a de Coimbra.

E mais uma vez, como se tratasse de um irmão, te mostrei as dificuldades e a maneira de melhor venceres.

Foste aluno brilhante, mereci do teu trabalho e inteligência.

E quando chegaste ao 5.º ano, as contingências da minha vida de estudante, fizeram-me teu condiscípulo.

Só eu, tu e minha mulher, sabemos da aposta que contigo fiz, se te formasses com 16 valores como eu predisse, o que dizia ser impossível por teres 15 no 4.º ano.

Formaste-te, e, no dia seguinte, devolveste-me o abraço, e viste comigo para a baixa, com o Renato e os Garcia e Costa, a dares o abraço ao meu Pai, que sem saber que me formava, esperava por mim para o almoço, que, afinal, foi extensivo a todos.

Depois veio a vida! Para ti, Carlos, bem curta e longa foi ela.

Curta nos anos! Longa no sofrimento!

Sentimental por temperamento, criaste um mundo de amor ao qual te entregaste por completo, a ponto de te esqueceres de ti.

E embora esse alheamento, as tuas incansáveis qualidades de trabalhador, e a tua lúcida e brilhante inteligência, valorizaram e enriqueceram continuamente a tua personalidade.

Foste um amante de St.º Estevo e de Tavira, as tuas damas queridas.

Por elas e para elas trabalhaste, participando em todos os seus momentos altos.

Na caricatura que te fiz para o teu livro de curso, escrevi, como tema de uma conferência tua.

«O Algarve é a província mais linda de Portugal, Tavira é a cidade mais bonita do Algarve, logo, é a mais linda de Portugal!!!».

Para ti, era assim, não é verdade Carlos.

E é destes filhos que a nossa terra, a nossa linda Tavira precisa.

Filhos que digam presente, no momento do sacrifício!

Pediram-te conferências e discursos, proferiste-os, colaboraste em todos os movimentos de solidariedade humana, estando sempre presente quando era preciso alguém.

A todos te davas em igualdade fraterna, orgulhosamente por estares com o povo, porque dele saíras.

As tuas qualidades, Carlos, pesaram muito mais que os teus defeitos.

E se alguém supôs o contrário, se alguém pensou que, por os teus — quem não os possui — as tuas extraordinárias qualidades, de advogado, de homem, de filho, de marido e de pai, poderiam ser assombrosas pelos teus defeitos, bastará que olhe em redor, para que verifique, se passado tanto tempo depois da tua morte, os mais variados homens, cada qual do seu feitio e tamanho, se reúnem em romagem de saúde e homenagem junto de ti, é porque és dela merecedor.

Assim, foi quando te trouxeram, e assim é, agora nesta visita.

É por ti e não pelos teus que aqui estamos.

As homenagens em vida obrigam à comparação...

Após a morte, a presença é forçada pela consciência.

Não se esperam favores, o homenageado não nota a falta e não pode levar a mal.

A afirmação vem para reforço e honra da tua personalidade, e para que os teus, — embora desnecessariamente — tenham disso a certeza.

A vida não pára, caminha em renovação constante!...

Desejaria tanto, Carlos, que a amizade que ligou os nossos pais, que continuou em nós, perdurasse em nossos filhos!

Entregarei o testemunho aos meus, e quero crer que os teus, compreenderão o sentimento, o exemplo que lhe legaste e saberão honrar o teu nome e cultivar, com a saudade, a vivência do seu maior.

Que o teu gelado e sofrido coração, possa sentir a saudade que te trago, a amizade que permanece, e a honra que sinto por comparilhá-la em tão justa e significativa homenagem.

A seguir e para encerrar a sessão falou o sr. Dr. Jorge Correia que, com palavras repassadas de sentimento, fez o elogio do homem e do amigo enaltecendo os seus dotes de inteligência e amor à terra que o viu nascer.

Faltava porém uma palavra de agradecimento e essa foi dada pela sr. D. Maria Francisca Madeira Reis Costa Picoito, viúva do homenageado, que, não tendo podido assistir à Missa, por motivos de força maior, viera ali junto do túmulo, para agradecer em nome dos filhos e dos sogros aquela manifestação, à Câmara Municipal, à Sociedade Orfeónica e a todos os amigos presentes, porque de há muito se considerava t. virensse e, embora talvez fora do protocolo, não queria deixar calar a voz do seu coração sensibilizado nesse momento como prova de veneração pela alma do seu marido.

A noite, na Sociedade Orfeónica, naquela mesma sala onde em momentos festivos ecoara tanta vez a voz do orador fluente, que fôra o Dr. Carlos Picoito, outras vezes amigas, impregnadas de sentimento quiseram dar brilho à manifestação póstuma promovida por aquela simpática agremiação recreativa local.

Presidiu à sessão o sr. Dr. Jorge Correia, ladeado pelo presidente da Direcção da Sociedade Orfeónica sr. António Palermo de Mendonça e pelo sr. João Picoito Júnior, pai do saudoso tavricense.

Aberta a sessão usou da palavra o sr. José Emídio Sotero, que, na qualidade de presidente da Assembleia Geral, fez a apresentação do conferencista, a quem dirigiu as mais expressivas saudações, relembrando a sua acção em prol da Causa Orfeónica e referindo-se ao saudoso homenageado, fez a exortação dos seus excepcionais dotes de inteligência, dos seus predicados, do seu extraordinário bairrismo e da saudade que sentia pela perda do conterrâneo e amigo de infância.

Dando o seu contributo para a homenagem apresentou o seu trabalho, que podemos considerar uma peça de valor sentimental, o nosso prezado amigo sr. Sebastião Leiria, a que deu o título «Da Vida e da Morte do Dr. Carlos Picoito».

Esboçou com verdadeiro espírito de artista as melhores passagens da vida, da criança inteligente, do estudante distinto, do amador teatral extraordinário, do grande amigo das flores e da arte, do abalizado advogado, do filho e pai extremo, do fluente orador, do dedicado tavricense e do infeliz amigo, que foi o Dr. Carlos Picoito.

Parece-nos até que nada mais havia a dizer, nem haveria artista que traçasse melhor perfil, envolto na bruma dessa saudade latente Aquilo que se diz e se escreve tem mais valor quando é tocado pelo cunho da sinceridade e Sebastião Leiria escreveu o seu trabalho auscultando os impulsos do seu coração, pelo que muito gostosamente o felicitamos e transcrevemos na íntegra, neste número do nosso jornal.

Falou depois o sr. Dr. Jorge Correia, que num improviso, mais uma vez pôs em relevo das qualidades do homenageado e a amizade que sempre lhe dedicou e à cidade, que mais se avivaram no seu coração, quando a morte o arrastara na sua asa negra.

E a última palavra coube ao pai, o sr. João Picoito J.º, que agradeceu reconhecido a homenagem prestada ao seu saudoso filho, que era a mais forte razão da vida de seus pais. Assim terminou esta sessão que perdurará na memória dos orfeonistas e amigos do saudoso e ilustre extinto.

Pelo sr. Dr. Eduardo Mansinho, a convite da Direcção do Orfeão, foi descerrado o retrato do Dr. Carlos Picoito, na sala de leitura da Sociedade e pelo sr. José António de Jesus, como representante dos mais antigos orfeonistas, o seu nome na entrada da mesma sala.

Assim terminou o dia 24 de Outubro, data do 1.º aniversário da morte de um grande e ilustre filho de Tavira, em que se desfolharam as mais belas e profundas pétalas de saudade sobre a sua campa e se exaltaram as mais enternecidas frases em sua memória.

O Abastecimento de Peixe está assegurado pela Produção Nacional

(Continuação da 1.ª página)

ladas, ou seja três vezes o consumo normal mensal que se cifra em cerca de duas mil toneladas. Até ao fim do ano e meses seguintes, está assegurada a produção para manter sensivelmente essa mesma reserva não só com o peixe que vem sendo importado do estrangeiro, como também — e principalmente — com os contingentes da frota nacional.

Uma das grandes virtudes da programação estabelecida para solucionar o problema do abastecimento público foi o de não se limitarem as soluções adequadas ao simples processo das importações.

Esse seria o modo mais fácil de inundar os mercados de um produto, mas nem sempre o mais aconselhável porque, se não houver a contrapartida da concorrência da produção nacional, fica-se sujeito à alta dos preços internacionais e aos condicionamentos que as nações menos amigas resolvam estabelecer.

A grande virtude — dizíamos — da programação do novo plano de distribuição de pescado residiu na melhor colaboração dos Organismos das Pescas, solidamente apoiados e orientados pelo ministro da Marinha, o que permitiu aos armadores, em continuação de um já vasto plano de renovação das frotas, o lançamento de navios congeladores de longo porte, que podem suprimir totalmente os inconvenientes das importações.

Já estão ao serviço, nos mares da África do Sul, três dessas unidades e, em breve, partirão mais duas para os mesmos pesqueiros. A produção nacional aumentará assim para uma média mensal de 2500 toneladas, o que corresponde em meio ano a 15000 toneladas.

Para melhor se poder ver a grandeza destes números basta referir que, segundo os elementos fornecidos pelo Instituto Nacional de Estatística, a totalidade das importações de pescada congelada no primeiro semestre deste ano não foi além de 9066 toneladas. Com todo o rigor: 9066 623 quilos.

Importa, pois, referir que se caminha a passos largos para a solução mais conveniente que é a do abastecimento público ser feito somente com o peixe da produção nacional, a que corresponderá uma maior riqueza da nossa indústria da pesca com as consequentes vantagens de uma mão-de-obra também portuguesa.

As perspectivas para o futuro são igualmente animadoras, não sendo de excluir a possibilidade de muito brevemente deixarmos de importar peixe congelado, passando antes a exportá-lo. A cobertura total do país pelos serviços de distribuição encaminha-se para o perfeito funcionamento.

Por outro lado, com o alargamento do circuito de distribuição e o desenvolvimento da comercialização aumentou, como é óbvio, o consumo de peixe em Portugal.

Mas a produção não só de peixe congelado, como também de peixe fresco, onde encontramos uma maior variedade de espécies, é, todavia, suficiente para satisfazer as necessidades alimentares das nossas populações.

A actual produção de peixe fresco excede, anualmente, as 360 mil toneladas. Se considerarmos que dessa quantidade se retiram cerca de 155 mil toneladas, para a indústria de conservas e que o consumo mensal do abastecimento é de 15 mil toneladas, ou sejam 180 mil toneladas por ano, ainda fica um excedente de 25 mil toneladas de peixe fresco mais mil toneladas para a exportação.

Pode, assim concluir-se que as 15 mil toneladas de peixe fresco, mais as duas mil de congelado — médias mensais do consumo do nosso País — estão já asseguradas pela produção nacional.

O. Peres

Um aérograma de Timor

(Continuação da 4.ª página)

combater os Mouros e inimigos da fé cristã e, por último, suponho eu, talvez converter ao cristianismo os gentios. Era este o seu sonho que em contacto permanente com o seu cérebro, abriu caminho para a maior epopeia de todos os tempos, que nós hoje se profundar-mos na sua história, encontrá-la-emos descrita com letras de ouro.

Sagres foi durante a vida do Infante a única Escola de Navegação, onde a ciência estava dia após dia, ao serviço das realizações que iam decorrendo na descoberta de novos horizontes. Com a morte do grande Português, a sua obra não se extinguiu, porque ele deixara os elementos necessários, para que ela revivesse, e para que todos os métodos estudados e levados a efeito na sua Escola servissem de principal factor aos que lhe sucederam, assim como Colombo, Bartolomeu Dias, Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral e tantos outros grandes portugueses que contribuíram e trabalharam em prol da grande epopeia da humanidade.

Séculos após séculos, actualmente, de Sagres algo resta, que para nós vamos lá apreciar talvez como turistas pelo menos um dia por semana ou seja no nosso dia de repouso, ao escolhermos um itinerário para podermos passar uma manhã alegre de praia, sentimo-nos não sei quê de impressionante a puxar-nos para a Vila de Sagres, talvez para relembrarmos a nossa maravilhosa História, para contemplarmos as suas antigas relíquias. Actualmente Sagres é um dos principais centros turísticos do Algarve, onde o turista pode penetrar algumas horas no sonho da sua praia e fruir, a fascinação sublime do seu clima, a mais esplendorosa paisagem é, sem dúvida o azul infinito do Oceano, ou a falésia gigantesca caindo verticalmente sobre o mar, e as rochas formando alguns desenhos geométricos tal como pirâmides, aqui e além entre altas neiras vagas de fluente espuma.

A escassos quilómetros que qualquer de nós em poucos minutos depara, com o gigantesco Cabo de S. Vicente, que dotado com um dos maiores faróis da Europa, serve de controle a quase toda a navegação da Europa. Também ainda nos resta na mesma Vila a Fortaleza na qual sobre o interior da porta de entrada se vê uma lápida a assinalar a morte do Infante D. Henrique, escassos passos além da fortaleza, se não estou em erro, à esquerda situa-se o esquema térreo de uma «ROSA DOS VENTOS», que segundo alguns factos relacionados com a vida do Infante, levamos a supor que tivesse sido um RELÓGIO DE SOL; a compor o lote histórico existe uma série de antigas habitações do século XV que hoje estão instaladas Alas da Mocidade Portuguesa, de Cadetes da Armada, assim como um Museu de recordações Henriquinas, e mais um Posto de Informações Turísticas.

E presados l itores revivemos momentos da Vila do Infante, até à actual Vila de Sagres, centro de afluência Turística no Algarve.

Timor J. C. S.

NECROLOGIA

Coronel Santiago Ponce de Castro

Faleceu há dias, o sr. Coronel de Cavalaria, aposentado, Santiago Ponce de Castro, natural de Tavira, de 70 anos de idade, há dias residente no Porto.

O falecido era irmão do sr.ª D. Maria do Rosário Ponce de Castro Centeno, poetisa tavricense e do arquitecto sr. Alberto Ponce de Castro Centeno, com quem vivia.

Era tio dos srs. Manuel Ponce de Castro Centeno, funcionário do Banco Nacional Ultramarino e do sr. João Ponce de Castro Centeno, sub-gerente do Banco de Portugal, em Estremoz.

À família enlutada endereçamos sentidos pésames.

«O Centro de Colheitas DE SANGUE» no Hospital de TAVIRA

(Continuação da 1.ª página)

meio, isto é, das facilidades que se depararem para a obtenção da matéria prima essencial ao seu funcionamento, do fluido vital — o sangue.

Nesse sentido, desde já, a Mesa da Misericórdia apela para que todas as pessoas de boa vontade se inscrevam na Secretaria do Hospital como doadores benévolos.

Oferecer sangue é concorrer para salvar a vida do seu semelhante, é constatar a satisfação moral do dever cumprido. Dar sangue não é doloroso nem prejudicial à saúde e o sangue doado é reconstituído em poucos dias pelo organismo.

Não constitui para o dador, portanto, qualquer sacrifício dar o seu sangue, mas antes é uma obrigação moral de um ente são para com um doente.

Ao dar sangue terá ainda a vantagem de conhecer a que grupo sanguíneo pertence, prevenindo, assim, a sua própria vida, ou a dos seus familiares ou amigos, se numa emergência tiverem necessidade de receber sangue.

O Hospital de Tavira e os seus doentes agradecem do coração a vossa dádiva e a vossa boa compreensão.

A inauguração do Centro está marcada para o dia 1 de Novembro, pelas 12 horas, sendo a mesma precedida de simbólica e breve cerimónia seguida de visita às suas instalações.

Na parte da tarde, a partir das 15 horas, é franca a entrada ao público tanto ao Centro de Colheitas de Sangue, como às restantes dependências do Hospital.

Um pronto-socorro para os Bombeiros de TAVIRA

(Continuação da 1.ª página)

beiros de Tavira, tendo pronunciado palavras de muito apreço para a corporação tavricense, merecedora de tão valiosa oferta.

Agradeceu o sr. Comandante da Corporação, regosijando-se com a alta distinção concedida a Tavira, prometendo que dentro das possibilidades de material que dispõe tudo fará para continuar a ser útil à humanidade.

Salientou a acção do Sr. Comodoro Jacinto Flaeschon Pereira de Mendonça, à frente da maravilhosa instituição dos Socorros a Náufragos e agradeceu sensibilizado a distinção dada à Corporação de Tavira, que é a primeira do Algarve a possuir tal aparelhagem que, durante os tempos mais próximos, prestará serviço em toda a região.

No final o sr. Dr. Jorge Correia, Presidente da Câmara, agradeceu a presença do sr. Comandante Luís Fernando Pimentel, mostrando-se regosijado com a importante, generosa e útil dádiva dos Socorros a Náufragos, considerando de parabéns não só a Corporação como a cidade.

Salientou a acção do Comandante e da Corporação tavricense sempre pronta a prestar o seu auxílio nos momentos em que o toque de alarme soa.

A viatura para socorro de pessoas e bens e navios encalhados recebido pelos Bombeiros Municipais de Tavira, compõe-se de um Jeep Land-Rover a gasóleo, para transporte de pessoal, equipado com cabrestante especial e de um atre-

(Continua na 5.ª página)

HOTEL VASCO DA GAMA

MONTE GORDO

ABERTO TODO O ANO

1.ª CLASSE-A — 200 QUARTOS

RESTAURANTE — BOITE — BAR — PISCINA

Telef. 321 - 322 - 323

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Da Vida e da Morte do Dr. Carlos da Costa Picoito

(CONTINUAÇÃO DA 3.ª PÁGINA)

Estas publicações valeram-lhe inúmeros elogios e incitamentos por parte de antigos condiscípulos da Faculdade de Direito e de seus professores catedráticos e juristas de grande nomeada, além de outros entendidos na matéria.

Porém, além do amor pelos pais, pela sua terra, pela humanidade, pela sua profissão e pelas letras, o Dr. Carlos Picoito tinha ainda outros amores.

Este homem que parecia sacudido e preocupado, vivendo só para a secura árida das causas que sobraçava, amava as flores e os filhos desveladamente. Afinal, tudo flores!

As flores! O Dr. Picoito! Quem diria.

Falava-me delas com tão doce entusiasmo! As espécies raras que adquirira, os canteiros disto, os vasos daquilo. Eram braçadas e braçadas de flores.

Se visses, dizia-me, uma latada de buganvília vermelha que tenho lá no campo! E era todo êxtase nesta exclamação.

Dos filhos falava garoto e amoroso pai. Enternecia-se até se lhe humedecerem os olhos, e um orgulho de semelhança divina vinha iluminar-lhe a face.

As aptidões de cada um para a música, para a poesia, para as letras; e eram inteligentes e pensadores.

Homem, — dizia —, às vezes vejo-me embaraçado com as perguntas difíceis que aqueles diabos me fazem. — Claro que «diabos» aqui tem um sentido amorável.

— O Carlos Manuel ou a Isabel Maria e até as mais pequeninas, a Maria da Conceição ou a Ana Maria, são os meus trabalhos. Querem saber tudo, até o que eu não sei, já vê.

Amava também uma boa e oportuna graça.

Sofria até se não lhe deixavam acabar de contar uma boa anedota ocorrida no Tribunal de tal, ou a última, fresquinha, que ouvira à pouco. E ria em gargalhada, gostosamente, comunicativamente.

Tinha um desenvolvido espírito de humor e era oportuno, por vezes até contundente.

Um exemplo cuja história chegou há pouco ao meu conhecimento por um amigo comum.

Certo dia, ainda garoto, o Carlos Picoito rapiocava «debaixo dos Arcos»; expressão com que o taviense designa a arcada da Câmara Municipal.

Determinado sujeito, já idoso, respeitável, quer pela bengala, quer pelos ares de respeito que se dava, quer ainda porque beneficiava de uma cara dura, austera, de traços vincados, farto bigode e sobranceiras de invulgar tamanho e fartura enroladas sobre os olhos, passeava por ali acompanhado de um esquisito cão, feio, forte e atarracado, de má catadura e cenho abundantemente invulgar carregado para os olhos.

Entrou o sujeito de encanizar com o rapaz, arrelhando-o. E tanto o fez que o moço, já saturado da coisa, subitamente desapareceu com a maior naturalidade direito aos camaradas que assistiam: — «Eh pá, vocês já repararam? O cão até dá ares ao dono.

E souu uma enorme gargalhada enquanto o velhote, corrido com o dito chacoteante de puro humor, abalava furibundo.

Quero ainda apontar outro facto revelador do bom humor do Dr. Picoito, este ocorrido quando já era advogado.

Numa praia próximo daqui, encontrava-se ele a passar férias bem como um distinto magistrado que ao tempo exercia no Tribunal de Tavira.

O magistrado não sabia nadar e sucede que numa bela manhã, quando tomava o seu banho, perdeu o pé numa depressão da costa e afundou-se. Teria sem dúvida perecido ali se o Dr. Picoito que se encontrava próximo, e era bom nadador, não o tivesse ido salvar trazendo-o para terra já meio afogado.

Sobre este facto não decorreu muito tempo que não surgisse um julgamento em que o constituinte do Dr. Picoito foi implacavelmente condenado pelo magistrado a quem havia salvo a vida.

Encerrada a audiência cuja decisão deixara o Dr. Picoito completamente surpreso e desapontado, aproximou-se de mim e disse em voz baixa, com meio sorriso nos lábios: — «Sabes, quem teve a culpa disto fui eu. Devia-o ter deixado morrer afogado.

Porém estas suas últimas facetas nem toda a gente as conhece, além dos amigos e dos que de mais perto lidavam com ele.

Aqui é a altura de esclarecer que não tenho em vista produzir uma conferência ou desenhar o perfil biográfico do Dr. Carlos da Costa Picoito; não pode ser tal. Tal trabalho requere uma muito maior profundidade, delicadeza e saber do que aquelas de que infelizmente disponho.

Disse, sim, algumas palavras a desenhar em titubeante esboço esse homem de forte personalidade e elevada estatura social a quem estamos prestando esta homenagem.

A verdadeira objectividade deste trabalho é focar a vida orfeónica do sócio, elevado à categoria de honorário por tantas e inesgotáveis razões como os serviços que prestou à colectividade, Dr. Carlos da Costa Picoito.

É essencialmente sobre esse aspecto que me cumpre debruçar, embora estas nótulas prévias fossem indispensáveis e tivessem de ser ditas, à maneira de introdução, para que não resultassem truncados o corpo e a alma do homem homenageado. Tinham de ser ditas as primeiras palavras para que pudessem ter justa projecção as segundas que, sobre o orfeonista, passo a proferir.

Prossigo assim:

Mas havia ainda uma coisa. Uma coisa divina, um fogo do céu que não tinham vindo ao Dr. Picoito nem da educação, nem da cultura.

Esse fogo do céu que não se compra nem se vende, é a Arte. O Dr. Picoito tinha sentido amor pelas artes e verdadeiro talento para o teatro.

A música, sentia-a, adorava-a até às lágrimas. A poesia incendiava-lhe os sentimentos.

Essas conferências que fez sobre Antero do Quental e principalmente sobre Isidoro Pires, que ele tanto admirava, personalidades, poéticas que com mão firme e ágil escalpelizou, bem provam

à saciedade que, na verdade, se o Dr. Carlos Picoito não era um poeta na forma, era-o todavia pelo sentimento; a poesia tinha-a na sua alma. Morava lá.

Este fogo do céu que lhe rebrilhava no espírito, a Arte, atingiu nele o mais ofuscante núcleo nas tábuas da cena, no teatro.

Lembro-me como se fosse hoje da récita da nossa escola de garotos, escrita, ensaiada e musicada por esse velho e ignorado artista que foi o saudoso professor Raimundo Lagoas.

Apesar de condiscípulos, eu nunca fui escolhido para nenhuma daquelas récitas, certamente por falta de jeito para as coisas do teatro e, confesso-o sem reboço, entrava-me uma torturante inveja do Carlos. Ele era sempre chamado, quer para interpretar papéis de septuagenário, — e com que mérito o fez! —, quer para, entre cortinas e enquanto se mudava a cena, num soneto arrebatador fazer vibrar na maior emoção o teatro em peso. Uma criança de sete anos apenas! Era fantástico! Era o fogo do céu.

Veio depois o teatro do Orfeon.

Aqui, Carlos Picoito, já adolescente, interpretou, incansavelmente, drama, opereta, comédia, revista, tudo enfim que foi preciso, que era difícil e ninguém era capaz de fazer. E sempre êxitos, mais aplausos e mais vivos louvores.

Subiu depois à bancada dos orfeonistas a cantar, sob a regência firme desse génio chispante que foi o saudoso maestro Hercúlo Rocha.

Preparado o espectáculo com audição do orfeon, uma revista num acto intitulada «De Passagem», e a exibição da Banda Municipal de Tavira, que então se encontrava no seu apogeu, surge a ida do Orfeon a Beja, e lá, discursos entusiásticos, transbordantes de ricas imagens, do estudante Carlos Picoito, estampam o pasmo e a admiração nas mais distintas personalidades da rainha do Alentejo e elevam o Orfeon e a cidade de Tavira a singular altura; no porto de honra, no Pax-Júlia, em outros lugares ainda onde houve que representar Tavira.

E o orador do Orfeon continua sempre progredindo a passos largos.

Passa a ser o orador preferido nas sessões solenes de aniversário da Sociedade.

Essa Sociedade que mais tarde irá levar pela mão, de terra em terra, de apresentação em apresentação, em inexaurível gama de discursos, com o espectáculo de maior retumbância jamais apresentado pelo Orfeon de Tavira.

E vem Faro, Vila Real de Santo António, Olhão, Reguengos de Monsaraz, Lisboa.

Aqui, no Maria Vitória, no final das quatro sessões ali realizadas em dez de Junho de mil novecentos e cinquenta e cinco, acabada a apoteose, exigem-lhe que em despedida fale. Fale a agradecer ao público de Lisboa e à Imprensa as gentilezas de que foram alvo. À Imprensa, as críticas abertamente louváveis e amigas; ao público os seus intermináveis aplausos ao orfeon, propriamente dito; às «Rosas de todo o ano» e à revista «Quando o Algarve Canta e Ri».

Que fale em nome da Casa do Algarve que, no final, comparece no palco com o seu estandarte; que fale em nome do Orfeon, em nome de Tavira, que fale, que fale.

E até o bom e saudoso amigo Professor Pavia de Magalhães, da Direcção da Casa do Algarve, quem lho roga.

Mas falar como? Improvisar para uma multidão altamente culta e para o país inteiro, pois lá estavam à espera os microfones do Rádio Club Português? É tremenda a responsabilidade.

Carlos Picoito empalidece, vacila, a cena continua aberta, o público ainda aplaude de pé, todos receamos, mas eis que a centelha se acende, se activa, alteia-se, ilumina-se a si e a todos, produzindo, num derramamento de ardência deslumbrante, um dos seus mais belos discursos.

Não têm mais conta o número de serviços valiosos, de sacrificios que o Dr. Carlos Picoito fez pelo seu Orfeon, o Orfeon que um telegrama ardoroso nunca esquece na hora própria, se por mágoa sua não pode estar presente. O Orfeon onde até doente veio uma vez, de Faro, amparado numa bengala, para não faltar o orador à sessão solene para que o haviam convidado.

Eis o orfeonista Dr. Carlos da Costa Picoito. Eis o sócio de honra que se homenageia nesta hora, mas que foi mais, muito mais ainda do que ficou dito.

A Sociedade Orfeónica de Amadores de Música e Teatro de Tavira dever-lhe-á gratidão eternamente.

Mas, deplorável caso! Este homem que passado em revista mal esboçada se vê, a despeito disso, amorável filho, raro estudante, senhor de alta inteligência, aprumo e dignidade, amigo do seu amigo, advogado brilhantíssimo e honesto, batalhador e humanitário, talentoso e simples, pai amante e enternecido, que cultiva as flores, que tem a poesia na alma, artista sincero de vários cambiantes admiráveis, prestável até ao sacrifício mesmo para o mais humilde dos filhos do povo a quem ama, apaixonado pelas coisas do seu património e da sua cidade, que parece digno da maior felicidade, não a tem.

De há tempo que arrasta consigo uma tristura que cavalheirescamente não deixa transparecer no mundo estranho ao seu mundo, mas que lhe corrói a alma e, através dessa corrosão lhe corroe a própria matéria, a encaminhar-lhe os passos para um trágico fim.

Uma incompreensão há, qualquer, persistente, na outra face da sua vida. Incompreensão que perdura, endurece, e é causa do imenso sofrer que o vai minando e enfraquecendo.

Um mundo está ali em perigo abissal e, às vezes, um gesto faz o milagre de tanta coisa!

Quem o não fez? Não se sabe nem é do nosso tribunal. Porém a todos amarfanha ver que ele não resistirá, que irá soçobrar.

A vida, para certas pessoas como o Dr. Carlos Picoito, só vale a pena, só tem verdadeiro significado e valor, se é total, completa.

A ponta de um cigarro incendeia uma floresta, exactamente porque não foi apagada a tempo.

Que lhe importou mais o seu indiscutido valor pessoal, a montanha construída em suma esforço por suas mãos, se alguma coisa bela, do seu todo, se perdia para si! Então o princípio já estava errado, sem significado e, jogador em desespero, arriscou o todo restante num número só. A sua vida.

(CONTINUA NA 5.ª PÁGINA)

PARA O PROGRESSO

DE

SILVES

Vida citadina — Reparos

O maior movimento das nossas ruas, presentemente, é feito pelos alunos da Escola Técnica que a frequentam em número de 1660. Pode-se dizer que quando não há escola e, sobretudo, na época de verão, em que muitas pessoas vão para as praias, a nossa cidade passa a não ter movimento de cidade, mas sim dum simples freguesia do nosso concelho.

Ruas de maior movimento
Proibição

São elas: Ruas Dr. Oliveira Salazar e Miguel Bombarda, Largo dos Mártires e Jardim, sendo também a Estrada Nacional 124. Dado que estas ruas são relativamente estreitas, não podendo cruzar veículos automóveis com o estacionamento de outros. Impõe-se, para o desembaraço do trânsito, que o estacionamento nestas ruas fosse proibido em ambos os sentidos (nem sequer é num) tanto mais que os passeios apenas dão para passar uma pessoa à vontade. Também há a registrar a demasiada velocidade em que todo o género de veículos passa por aqui, em plena zona escolar, o que é de lamentar. Ainda há poucos dias, por excesso de velocidade, foi embater num automóvel, e outros mais se têm verificado.

Carro para a P. S. P.

Seria de grande utilidade que o posto policial de Silves que apenas dispõe de sete elementos, tivesse um carro-patrulha para melhor policiamento da cidade, pois por via de regra só está durante o dia um guarda de serviço nas ruas e a cidade ainda tem de extensão cerca de 2 quilómetros.

Comércio Ambulante

Há demasiado comércio ambulante nesta cidade, onde as suas casas de comércio estão em crise, prejudicando, pois, e agravando mais a sua situação. Na verdade, é o comércio estabelecido quem dá o ser a uma terra, bem como maiores receitas ao Estado e à Câmara. Por conseguinte era de justiça que as autoridades protegessem melhor aqueles que se sentem lesados por esta anomalia.

Horário de Trabalho, para quê?

Há casas comerciais em Silves, (não sei se por estarem em crise) que são demasiado zelosas de si próprias, não respeitando diariamente o horário de trabalho estabelecido pela Câmara Municipal de Silves, em prejuízo das outras que ainda o observam, pois vendem artigos próprios de outras casas, com o horário mais vasto. Aplicar-se-á o dito horário estudado e emanado pela referida Câmara só às freguesias rurais do concelho e não à cidade? Quem será capaz de nos responder?

Primeira casa feita para um estrangeiro. em Silves

Acaba de ser habitada pelo seu proprietário, um sr. diplomata sueco, uma casa acabada de construir no cimo do Monte de S. Miguel, onde há anos deveria ter sido feito um miradouro. É pois a primeira das sete que se lhe vão seguir, também para estrangeiros. Vem pois aproveitar um dos melhores panoramas dos arredores da cidade de Silves.

Vida Religiosa

Acaba de vir para a paróquia de Silves, de Nossa Senhora da Conceição, o rev. padre José Nunes, de Monchique, tendo celebrado a sua primeira missa no passado dia 10 de Agosto deste ano. E, pois, o primeiro coadjutor nomeado oficialmente para Silves, desde 1950. — C.

As memórias da Imperatriz

FARAH DIBA

Grande exclusivo desta semana no

«FLAMA»

A «Flama», hoje a melhor revista portuguesa de actualidades, oferece esta semana ao público leitor um interessante exclusivo «As memórias de Farah Diba» que será coroadada Imperatriz no próximo dia 29. Trata-se de leitura de grande interesse em que a bela Imperatriz conta a sua vida. A capa a cores é também dedicada a Farah Diba.

Outras reportagens de muito interesse na «Flama» desta semana: Paços de Ferreira: a união faz a escola; Fracasso português no campeonato europeu de penteados realizado em Londres; As possibilidades de vitória dos clubes portugueses nos próximos jogos internacionais; Cidade do México: o cenário dos próximos Jogos Olímpicos; Gente Nova; telenovela para dois Jogos Olímpicos; Gente Nova: telenovela para dois meses; todos os programas de TV e ainda um novo episódio da série — TV «Carrocel Mágico». Não perca, pois, este valioso número da «Flama».

LAGOS *Retratada.*

Era melhor como estava...

De quando em vez recordo a figura séria, cortante, do jornalista dr. João Coito, naquela inesquecível palestra através da Radiotelevisão, precisamente nas vésperas do ansiado aumento dos ordenados dos funcionários públicos.

Diziam estes que que lutavam com grandes dificuldades por motivo da carestia da vida e que, com um aumentozinho, a coisa melhoraria, suavizando as dificuldades económicas.

João Coito, nas suas tesouradas de grande psicólogo, já farto de observar as voltas que as coisas dão no mundo, ao comentar o acontecimento apontando a satisfação louca dos ditos funcionários, terminou as suas farsantes bastonadas com esta recomendação:

«Não seria talvez melhor ficar tudo na mesma como está?... Semelhante melhoria não dará lugar a tornar a desarmonia sensível para um nível ainda maior?»

Queira Deus que as dificuldades não surjam então muito superiores...

E não se enganou o dr. João Coito porque, após esse ensejado aumento, tudo logo foi alterado de tal forma, que hoje a vida é um verdadeiro inferno para muito boa gente, homens que envelheceram servindo a Pátria, honrando-a.

Envelheceram. E quando mais precisam de auxílio, em virtude do peso dos anos que a sua velhice os força a carregar, é precisamente quando a vida mais se enegrece, tornando-se-lhe mais amarga e enervante, sofrendo os efeitos de todas as dificuldades económicas, vendo os filhos e as esposas, vítimas inocentes da inutilidade dos seus chefes, em cujos lares bate à porta a miséria, tresloucada e vil!

A Imprensa diária da capital, encheu as suas páginas, durante dias, com as notas oficiais, avisando, claro, as massas gerais da Nação, que o último aumento dado nos ordenados dos funcionários públicos, do activo, não determinaria a alteração nos preços dos numerosos artigos essenciais à nossa vida. «Tudo ficaria na mesma. E ai de quem ousasse conturbar os ditames da ordem».

Todavia, passados alguns meses, alguns comerciantes, «fornecedores-achambarcadores» trataram de aumentar este e aquele artigozinho acompanhado de umas certas circulares, destinadas aos seus clientes retalhistas, colocando-os entre a espada e a parede: «ou pegas, ou largas». E que remédio, conforme diz o carneiro, quando o levam à festa contra sua vontade. E... pronto! Tudo mudou num instante, alterando, de novo, a vida económica de todos os funcionários públicos no activo e mesmo a de todos os indivíduos que, num verdadeiro golpe de mão-armada, disse-ram assim para muitos dos seus patrões, precisados de sua mão de obra:

«Eu só trabalho por 100\$00 diários. Aliás, não mexe na colher de pedreiro!»

É claro, o proprietário precisado, que tinha o telhado da sua habitação a chover mais em casa do que na rua, não teve outro remédio senão largar da carteira os cem palhaços.

E eu ouço clamar, presentemente, esses pedreiros contra a carestia da vida. Ouço-os, mas não compreendo nada. É que há muitos indivíduos nesta terra de Cristo, os quais auferem pouco mais da décima parte d' invejada fêria daqueles pedreiros e são obrigados a aparecer todos os dias vivos!

E há também muitíssimos funcionários públicos na tristíssima situação de reforma, que não recebem sequer uns simples 500\$00!

Estes funcionários vêm tais pedreiros aos domingos saírem dos mercados, transportando cabazes recheados de boa fruta, bons peixes e boa carne, e muita vez com um galináceo dependurado pela asas.

Porém, os pobre diabos, renegados de tal felicidade, olham, com os olhos embevecidos, e água na boca...

Manuel Geraldo

A Vida e a Morte do Dr. Carlos Picoito

Talvez filosofando assim, o fim, ele o encarasse sem choque, sem alarme, naturalmente.

Quem pudesse sacudi-lo em tempo, insuflar-lhe no peito um sol novo a afugentar, a matar as sombras que iam obscurecendo, enterrando, aquele coração. Quem pudesse! Mas ai de nós impotentes aí.

E as sombras adensando-se venceram-no totalmente. O coração afogado nelas parou de bater de vez.

Outono! Era o dia vinte e quatro de Outubro de mil novecentos e sessenta e seis. Faz hoje um ano.

A trágica notícia correu célere emocionando o Algarve de lés a lés, mas nós seus amigos de brincar, de trabalhos, nós a sua sociedade e sua terra, vestimos de luto o peito e deixámos à desfilada a funda mágoa rasgar-nos as lágrimas da sagrada dor.

Mas como não o fariamos nós de Tavira, se Faro em peso o fez e veio em interminável fila de automóveis, na álgida manhã, acompanhá-lo à sua última jazida.

Manhã cinzenta de rala e vagarosa chuva, essa que a natureza fez subir na teia do teatro da vida, a servir de cenário ao drama, à morte de quem tanto amara e conhecera os cenários próprios das peças.

Também na manhã cinzenta lá fui com outros camaradas orfeonistas a engrossar o mesmo cortejo, levando o estandarte que ele tanto ajudara a cobrir de radiosa glória, e um molho de cravos vermelhos, rubros como o sangue dele que bem queríamos vivo, ardente, pulsando junto de nós. E os cravos de rubra ardência foram pousados respeitosa e sobre o seu corpo já frio.

Chovia ainda quando o bastonário da Ordem dos Advogados em Faro, Dr. Lopes do Rosário lhe rendia a última homenagem por si e por aquela meritória Ordem a que tanto se honrara de pertencer.

Tinha terminado quando a uma ignorada e simples mulher de entre o povo, alguém ouviu deixar cair lentamente, a meia voz estas palavras: — «Como é triste! Até do céu caem lágrimas».

Sim, o seu Orfeon também lá fôra no estandarte envolto em crepes, rendendo-lhe a pública homenagem. Todavia cumpria-lhe ainda a sua própria e íntima homenagem; esta que decorre, deliberada com a maior justiça pela actual Direcção desta casa, tendo-se logo associado ao movimento todos os orfeonistas com a maior coesão.

Para que a memória do ilustre sócio extinto fique para sempre latente neste ambiente que tanto amou, a Sociedade Orfeónica de Amadores de Música e Teatro de Tavira concretiza a sua inamovível recordação apondo o nome do Dr. Carlos da Costa Picoito à sala da sua biblioteca e, ali também, a sua fotografia.

Ao ser convidado para neste acto evocar a figura amiga do associado ilustre que nos deixou, criando o ambiente próprio e do significado da solenidade, aceitei sem um só momento de vacilação.

É que, se é certo que não vai longe a elegância das minhas palavras para produzir peça de clássico relevo, uma coisa porém vai mais longe.

Vai mais longe o calor do meu coração de amigo, a transmitir aos vossos corações a pungente mágoa que em mim ficou.

Quando dois homens se estimam tanto desde meninos como eu e o Dr. Picoito, pouca ou nenhuma oratória poderá haver no mundo a suplantar as palavras que dirá o amigo que ficou, acerca daquele outro que partiu para sempre. Elas, embora simples, têm o cunho inultrapassável da verdade e do amor.

Orfeonistas, gente da minha terra, concelho de Tavira inteiro, dobremos aqui a nossa cerviz em homenagem e perante o grande homem e o grande amigo que foi o Dr. Carlos Picoito.

Nesta postura de veneração, que os descrentes o evoquem no seu génio, na sua obra, na sua delicadeza, nos favores dele recebidos; que os místicos, mais do que isso, queiram a sua bela alma na paz de Deus.

Façamos aqui um minuto de silêncio.

Termino aqui afirmando vigorosamente que, se Tavira tem tido filhos de que pode orgulhar-se e que tanto a tenham proclamado e honrado eis que um é esse sol destruído no pino da vida, que foi o Dr. Carlos da Costa Picoito.

Honrem-se pois, minha terra e minha Sociedade. O Algarve!

Ministério das Corporações e Previdência Social

Direcção-Geral da Previdência e Habitações Económicas

AVISO

«Redistribuição de fogos do Bairro de Casas de Renda Económica de Tavira»

1 — Torna-se público que está aberto concurso, pelo prazo de 30 dias, a contar da data deste «AVISO», para distribuição dos fogos vagos e dos que vaguem durante o período de validade do concurso, no Bairro de Casas de Renda Económica de Tavira.

As rendas a considerar para abertura do concurso, são as seguintes:

| | |
|--------------------|---------|
| TIPO II | 260\$00 |
| TIPO III | 310\$00 |

2 — A classificação dos concorrentes far-se-á de harmonia com as disposições do «Regulamento de Distribuição de Casas de Renda Económica», em vigor.

Dá-se preferência, na classificação, aos concorrentes que sejam beneficiários (ou casados com beneficiários) de Caixas de Previdência integradas na «Habitações Económicas» — Federação de Caixas de Previdência, e trabalhem há mais de dois anos na cidade de Tavira.

3 — Os requerimentos de habilitação ao concurso por parte de beneficiários (ou casados com beneficiários) de Caixas de Previdência, devem ser entregues até ao dia 23 (inclusive) do próximo mês de Novembro nas respectivas Instituições de Previdência.

Os requerimentos dos restantes concorrentes devem ser entregues dentro do mesmo prazo, no Instituto Nacional do Trabalho e Previdência, em Faro.

4 — Todos os esclarecimentos podem ser prestados nas Caixas de Previdência, na referida Delegação do I. N. T. P..
24 de Outubro de 1967

Noticias Pessoais

Fazem anos:

Hoje — Menina Maria Líbia Vieira Bento, D. Eulália do Carmo Alves Leandro, D. Maria Gipse Brito Gomes, D. Albertina da Silva e D. Maria Emilia Jacinto Fernandes e os srs. Fernando Batista Lopes, José Sebastião Ribeiro Pereira e Ivaldo Correia de Matos.

Em 29 — D. Maria Mercedes Lopes Guerreiro, D. Maria Celeste Lopes Lourenço, Menino João Feliciano Peres da Fonseca Soares e os srs. Custódio Filipe Canseira e Renato Eugénio Queiroz.

Em 30 — D. Carolina Maria Araújo Dias, D. Isabel dos Santos Esteves, sr. José Gonçalo e menino Carlos Miguel da Cruz Peres.

Em 31 — Mlle. Maria Manuela Galvão Cansado e D. Maria Suzete Quintino Dias.

Em 1 — D. Maria José Horta Ramos Rodrigues, srs. Eduardo dos Santos Ramos e Felício António dos Santos.

Em 2 — D. Maria Isabel Correia, D. Maria Odete Pilar Ramos do Carmo e menino Jorge Eduardo das Chagas.

Em 3 — Dr.ª D. Maria Ana Faleiro Magalhães Palma Rodeia, srs. António Pacheco de Mendonça e Fernando José dos Santos.

Partidas e Chegadas

A fim de ir viver na companhia de seu filho, seguiu para Luanda, a nossa conterrânea sr.ª D. Maria do Rosário Chagas.

— Regressou à sua casa de Lisboa a nossa conterrânea e assinante sr.ª D. Isabel Judite Chaves Guimarães, que esteve passando aqui uma temporada na sua Quinta da Senhora da Saúde.

Cantinho de S. Brás

Necrologia — Tivemos notícia do falecimento súbito, por colapso cardíaco, cremos, da sr.ª D. Luísa Uva, conceituada senhora deste concelho e muito estimada pela sua nobreza de alma e de carácter.

Era irmã dos srs. Joaquim Salustiano de Sousa Uva, José Cirílio Uva e das sr.ªs D. Maria Policarpo, D. Francisca Sancho Uva e cunhada do sr. Domingos de Sousa Uva.

A sua morte repentina, causou a maior consternação pois gosava da simpatia geral e boa saúde, nada prevendo o triste acontecimento. A vida, as suas surpresas e as suas lições.

Como católica praticante, nada nos leva a duvidar que o Senhor a tenha recebido de harmonia com a tristeza e a mágoa com que todos a viram partir, em especial, a pobreza da sua vizinhança.

À família enlutada apresentamos as nossas condolências. — C.

Porto Editora Limitada

Como nos anos anteriores, no início do ano lectivo apresenta esta prestigiosa Casa Editora os seus muitos trabalhos escolares em edições refundidas tendo por objectivo aliar ao valor intrínseco dos trabalhos, quer sejam livros quer cadernos, um aspecto gráfico que atraia e interessasse os utentes.

Dentre as edições deste ano destacam-se os trabalhos do professor Pedro de Carvalho e os cadernos de exercícios de inglês intitulados «My daily Prep», os primeiros incluindo as «Ciências Geográficas-Naturais» para a 3.ª e 4.ª classes, ambos com os textos completamente remodelados e com capas e gravuras no texto a cores e a «História de Portugal» que merece uma referência especial.

Destinada à 4.ª classe e aos exames de admissão ao Ensino Secundário a «História de Portugal» de Pedro de Carvalho apresenta-se com uma capa representando as Cortes de Coimbra de 1835, durante as quais foi aclamado D. João I e as gravuras do texto são, na sua maioria, reproduções de quadros existentes nos nossos museus, bibliotecas, palácios nacionais, etc.

No texto, cada parte do programa é apresentado em exposição sucinta e clara dos acontecimentos que mais influenciaram na evolução da nossa História Pátria, acompanhados de um questionário. Inclua ainda o texto três completo, quadros cronológicos e no final um quarto quadro para revisão dos principais acontecimentos e personagens estudados.

Os cadernos «My Daily Prep» são em número de três e apresentam-se com magnífico aspecto gráfico, capas policromadas e muitas e sugestivas gravuras no texto explanado em mais de cem páginas seguindo a par e passo as lições dos livros únicos da disciplina de inglês do 2.º ciclo liceal.

É autor dos referidos cadernos o dr. Fernando Monteiro, professor do Liceu e faz parte do texto vocabolários, exercícios gramaticais, análise dos trechos, retroversões, composições e questionários tendo o autor, em cada um dos cadernos, dedicado algumas palavras aos professores e alunos, palavras que são para os primeiros um precioso esclarecimento e para os segundos um não menos precioso conselho.

Um pronto-socorro para os Bombeiros DE TAVIRA

(Continuação da 2.ª página)

lado com todo o material necessário que consta de:

— 2 sarilhos contendo um uma espia de linho de 82 mm. de circunferência e o outro o cabo de vai-vem em polietileno de 16 mm. de diâmetro;

— Calha para lançamento de foguetões equipado com foguetões nacionais e ingleses;

— morteiro Schermuly, tripé e caixa com linha especial;

— Boias calções, esféricas e circulares;

— Macas para transporte de feridos;

— Megafone para transmissão de ordens a distância.

O custo do equipamento é superior a 250 contos.

O Instituto de Socorros a Náufragos dispenderá este ano com equipamentos para o País cerca de 3.000 contos.

Na distribuição feita agora receberam viaturas as corporações de Bombeiros das ilhas adjacentes, do Funchal, Ponta Delgada e Faial e do continente as de Sezimbra, Nazaré, Vila Praia de Ancora, Esposende e Tavira.

Na manhã desse mesmo dia, no Arsenal da Marinha e com a presença do titular daquela pasta, sr. Almirante Quintanilha de Mendonça, que usou da palavra no acto, o sr. Comodoro Jacinto Flaeschon Pereira de Mendonça entregou aos Comandantes das Corporações presentes, as viaturas, numa cerimónia que se revestiu de toda a simplicidade embora o melhoramento fosse de alto nível.

Neste momento já o Algarve fica apetrechado com uma nova viatura, sendo desejo do Instituto de Socorros a Náufragos no mais curto lapso de tempo possível, poder apetrechar todas as corporações existentes na vizinhança do mar.

Assim seja!

Resta-nos felicitar o sr. Comandante José Filipe Ribeiro, pela acção desenvolvida na aquisição de tão útil engenho para o Algarve, comungando como todos nós na alegria da sua corporação possuir mais um elemento de auxílio nas horas de aflição.

Secretaria Notarial de Vila do Conde

Primeiro Cartório

A cargo do Lic. João Evangelista Fernandes

CERTIFICO para fins de publicação que de folhas vinte e três, a vinte e quatro, do livro de escrituras diversas deste cartório B- número vinte e nove, foi lavrada hoje uma escritura de HABILITAÇÃO por óbito de JOAQUIM DA SILVA ARAÚJO, natural da freguesia de Ferreiró, deste concelho, e residente na de Conceição, do concelho de Tavira, falecido em quinze de Julho do ano em curso, no estado de solteiro, sem deixar descendentes nem ascendentes vivos, tendo-lhe sucedido como herdeiros legítimos os seus irmãos legítimos: MARIA DA COSTA ARAÚJO, casada com José Ferreira da Costa, residente na freguesia de Parada, deste concelho; VICTORINO TORRES DE ARAÚJO, casado com Maria de Azevedo Araújo; e MARGARIDA ROSA DE FREITAS ARAÚJO, que também usa o nome de Margarida Rosa de Freitas, casada com Arnaldo de Azevedo Araújo, ambos residentes na dita freguesia de Ferreiró, de onde todos são naturais.

VAI CONFORME O ORIGINAL NA PARTE CERTIFICADA, nada havendo, além ou em contrário, na parte omitida. Vila do Conde, vinte de Outubro de mil novecentos e sessenta e sete.

O Ajudante,

(João Evangelino Gomes de Freitas)

PREVENIR, MELHOR QUE REMEDIAR: VACINE OS SEUS FILHOS.

Pequenos Apontamentos

PINCELADA

Acompanhamos o menino da nossa casa a um ginásio. Muitas crianças lá vão que a ginástica deve ser a base de todo o desporto são como este a deve ver de uma vida alegre e activa. Muitas senhoras, mães e avós, acompanham os meninos.

Da banda dos homens só nós nos encontramos. A demora é um pouco prolongada e para a amenizar as mães fumam e as avós fazem renda e todas puxam as saias.

(Porque as fariam assim tão curtas?) Nós bocejamos e neste calor de estufa da sala de espera se a demora se prolonga abrimos a orquestra do nosso ressonar.

LIMPEZA

Ao entardecer de um destes dias passámos por um prédio em construção na hora em que os trabalhadores se despiam. Em volta de uma barrica com água, contámos, estavam cinco lavando a cabeça e os braços.

Devia estar limpa a água, aquela água de que todos se serviam e conspurcavam. Pensámos que podiam procurar uma piscina e tomarem banho com mais desafogo e limpeza. Mas, se calhar, nem os deixavam lá entrar nem eles teriam os 8\$00 para pagar a taxa de entrada. As piscinas têm uma outra e alta função social: juntar em sua volta pessoas bem para tomar chá. São santuários reservados. E voltamos a insistir: Por que se não constroem antes balneários onde os que precisam banhos de limpeza os possam tomar? Eles também fazem parte da Nação, pagam os seus tributos e devem ter direitos.

CAUTELA

Amigo, cá estamos outra vez a falar contigo. Desta feita não foi em território nosso que a desgraça aconteceu. A notícia vem-nos da América, de terras mexicanas e dá-se em poucas palavras: comendo cogumelos, os traçozeiros cogumelos que tu também aprecias, dez pessoas morreram e algumas mais estavam em estado grave. Põe de parte esta lambarice que te pode ser fatal. Também se dava conta de uns tiros de pedreira com resultados fatais. Toma conta amigo, e preserva o teu corpo da morte ou da mutilação. A vida é um bem precioso que demanda muitas cautelas.

LUTA

Conhecemos de há bastantes anos esta nossa colega. A sua vida é um calendário de sacrifícios que não vamos agora aqui contar. Encontramo-la ontem e sentimos nisto prazer. Tem 84 anos, a pele do rosto pergaminhada, espinha ainda direita, a numma missão do seu trabalho. Está aposentada, que o mesmo é dizer tem de lutar desesperadamente para poder sobreviver e a família que ainda sobre si pesa. Mora fora da cidade para obter uma habitação de renda mais módica, mas todos os dias a ela se dirige e percorre-a em todos os sentidos onde haja uma lição para dar e que ela possa aproveitar. Onde come? Não sei, nem lhe pergunto que isso seria uma heresia. «Cá andamos, diz-nos ela. É preciso lutar».

Quando se aposentou por imposição da lei, deviam ter-lhe dito, «vai gozar um merecido descanso». Isto só por escárnio. E a propósito: não disseram para ali que iam tratar da situação dos reformados?

VIDA CARA

Se prestarmos atenção às conversas que em volta de nós se desenrolam reconheceremos que o motivo da maior parte delas é a carestia da vida. Afadigam-se as donas de casa em querer que o lençol cubra todo o corpo, mas se o puxam para os pés fica a cabeça a descoberto, se é a cabeça que querem cobrir lá ficam os pés sujeitos a constipação. Creio que entre nós nunca se criaram vacas gordas sendo das pelangas das magras que sempre se tiraram os bifos duros e succulentos como coiro. Daí ser este o nosso eterno muro das lamentações.

Há já muitos anos baixou uma mulher dos contrafortes da serra à planura da cidade (Faro). Um dia, porque a necessidade a agulhava, pegou numa cesta e foi ao mercado. Pergunta daqui, rebusca dalém, investiga doutro lado, tudo lhe pareceu excessivamente caro e voltou para casa com a cesta vazia. Como ela se amANHOU é que nós não sabemos.

Voltou para o seu refúgio na serra e quando descia à vila recomendava-lhe o marido que lhe trouxesse o jornal. (Era este homem tão perdulário que até se dava ao luxo de saber ler). Mas como não o davam sem dinheiro, isso sabia-o ela bem, retorquia: «Para que queres esses que ali tens? Contenta-te com eles». A vida foi sempre dura, mas agora...

Trindade e Lima

Capitão do Porto de Portimão

POR ter sido nomeado para outra comissão de serviço, deixou o cargo de Capitão do Porto de Portimão, o sr. capitão de fragata Júlio César Cossola e Barata, distinto oficial da nossa Armada.

ALGARVE Desportivo FUTEBOL

Campeonato Nacional da II Divisão

No passado domingo o Olhanense foi derrotado por 1-0 na sua digressão à vetusta capital do Alentejo, frente ao seu velho companheiro da divisão maior, o Lusitano.

O Portimonense, em virtude do mau tempo viu o jogo adiado.

Amanhã, no prosseguimento do Campeonato Nacional da 2.ª divisão, o Olhanense receberá a visita do Sesimbra, cuja classificação não é das mais brilhantes e, por isso, talvez arisquemos nele o nosso prognóstico, assinalando nesta 6.ª jornada a sua 1.ª vitória.

Quanto ao Portimonense, a sua sorte é mais avara pois vai de visita ao leader da classificação da Zona Sul — o Torreense.

Portanto os jogos marcados para amanhã são:

Olhanense — Sesimbra
Torreense — Portimonense

Séquia — Moncarapachense

No próximo dia 1 de Novembro

Em virtude do mau tempo não se realizou no passado domingo, o anunciado encontro de futebol entre o Séquia Atlético Clube de Tavira e o Lusitano G. Moncarapachense, concorrente ao próximo Campeonato Regional da 1.ª Divisão do Algarve, realizando-se no próximo dia 1, na Atalaia, às 15 horas.



Agenda

Telefones úteis:

| | |
|-------------------------------|-----|
| Hospital e Maternidade . . . | 54 |
| Bombeiros | 111 |
| Polícia | 135 |
| Guarda N. Republicana . . . | 11 |
| Câmara | 7 |
| Táxis: 81-122-148-152-171 . | 370 |
| Repartição de Finanças . . . | 259 |
| Quartel do C.I.S.M.I. | 44 |
| Camionagem de carga | 158 |
| Camionagem de passageiros . | 181 |
| Serv. Munip. água e luz . . . | 54 |
| Polícia de Viação e Trânsito | 70 |

Vida Religiosa

Horário das missas dominicais:

| |
|---------------------------------------|
| Às 8 horas — N. Sr.ª da Ajuda. |
| Às 10 horas — Santa Luzia. |
| Às 11 horas — Santa Maria do Castejo. |
| Às 12 horas — São Francisco. |

Farmácia de serviço —

Está de serviço urgente durante a presente semana a Farmácia Central.

A T A P E Miss Portugal 1967

ESTÁ em Lisboa a jovem Maria Teresa Amaro, de dezasseis anos e natural de Lourenço Marques, que recentemente ganhou o título de «Miss Portugal 1967» no concurso promovido na capital moçambicana, para eleição da representante de Portugal ao título de «Miss Mundo».

Entre os numerosos e valiosos prémios que Teresa Amaro recebeu conta-se uma viagem de ida e volta a Lisboa oferecida pelos Transportes Aéreos Portugueses, prémio que a jovem Teresa Amaro gostosamente utilizou tendo chegado ao Aeroporto no passado dia 15.

A nova «Miss Portugal» é aluna da classe de bailado do Teatro de S. Carlos e frequenta o último ano do Curso Comercial.

Dentro de semanas Teresa Amaro viajará para Londres, onde representará o nosso país no concurso para a eleição de «Miss Mundo».

NOMEAÇÃO

Foi nomeado, a seu pedido, escrivão de Direito do Tribunal da Comarca de Setúbal, o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. João Faustino Neves Gonçalves, que presentemente desempenhava idênticas funções no Tribunal de Faro.

Desejamos-lhe muitas prosperidades no desempenho das novas funções.

Assim vai o tempo..

Para contentamento de todos e muito principalmente para os agricultores, a tão almejada chuva, já fez a sua apresentação, um pouco tardiamente, é verdade, mas com valores aceitáveis, como bons.

Assim, além de uma pequeníssima precipitação no dia 21 de Setembro (2,8 mm) temos a registar, até hoje, 91,8 mm, que na verdade, é já um bom princípio para um ano de chuvas regulares e que não seja nada parecido, ao que passou, em que se verifica, que desde Agosto a Dezembro (5 meses) só se registaram 78,4 mm:

Todo o mês de Outubro tem decorrido com temperaturas ligeiramente superiores às normais, para esta época do ano e tudo nos leva a crer, que o tempo melhorou sensivelmente, entrando assim no verão de S. Martinho, tão afamado e esperado por alguns devotos do deus Baco.

Tavira, 25 de Outubro de 1967.

F. S. P.

Movimento dos Aviões

DA T A P

ESTÃO apurados os números da estatística de tráfego da TAP, de Janeiro a Agosto e que se resumem da seguinte forma:

Número de passageiros transportados — 351.492 ou 21% mais em relação a 1966;

Kgs. de carga transportada — 2.358.554 ou 49% mais do que em 1966;

Kgs. de correio transportado — 910.404 ou 19% mais do que em 1966;

Passageiros/Km transportados — 665.047.795 ou 24% mais do que em 1966;

Toneladas/Km transportadas — 67.882.092 ou 26% mais do que em 1966.

Tanto o número de passageiros como de passageiros/Km e toneladas/Km transportados de Janeiro a Agosto de 1967 são superiores aos números correspondentes no período de Janeiro a Dezembro de 1966 e o total de carga transportada de Janeiro a Agosto de 1967 é próximo do total transportado de Janeiro a Dezembro de 1966.

O número de passageiros transportados só no mês de Agosto foi de 64.535, constituindo o mês de maior movimento, o que dá a média mensal de 2.082 por dia.

TOTOBOLA

9.ª jornada — 5/11/1967

Nome: «Povo Algarvio»

Morada: TAVIRA

| | |
|--------------------------------|---|
| 1 Sporting — Porto | x |
| 2 Senjoanense — Guimarães . | 1 |
| 3 CUF — Barreirense | 1 |
| 4 Tirsense — Benfca | 2 |
| 5 Leixões — Setúbal | x |
| 6 Braga — Belenenses | x |
| 7 Tramagal — Leça | 1 |
| 8 Penafiel — Beira Mar | x |
| 9 Vizela — U. Tomar | 1 |
| 10 Olhanense — C. Piedade . . | 1 |
| 11 Luso — Montijo | 1 |
| 12 Almada — Torreense | 2 |
| 13 Sesimbra — Portimonense . | 2 |

V. P.



Armação de Pera

O Temporal — que pairou nesta costa, acompanhado de grandes chuvas, fortes rajadas de ventania e trovoadas nestes últimos dias, amainou um pouco, tendo-se registado prejuízos no arvoredo.

As embarcações que se encontravam fundeadas, rebentaram as amarras e deram à costa, não havendo felizmente, prejuízos de grande monta.

Um barco de recreio do Hotel Garbe, resistiu a toda a ondulação, e conseguiu encher-se de água que foi retirada, tendo o barco, depois vindo para terra, onde se verificou só uma pequena avaria no pára-brises.

A abundante chuva encheu de alegria os agricultores, que se debatiam com falta para as suas sementeiras e para beber.

Motorizadas: — De novo solicitamos às entidades competentes a s/presença nesta localidade afim de fazerem cumprir o que se encontra determinado pois, o que se regista ultrapassa, toda a paciência, porque sem respeito pelos pedes e doentes, viajam com orgulho com o escape livre, incomodando e muito especialmente o turista.

Pedimos portanto providências. — C.

Este Jornal foi visado pela Censura

28

DE

Outubro



Caça de Pequenas Aves

POR vezes, sem conta, encontramos, este ou aquele menino, que por ter passado no exame, ou ter praticado qualquer feito, lhe foi oferecida uma espingarda. quer Flaubert quer de pressão de ar, pelos campos, ruas ou jardins em busca de pequenas aves, para lhes dar caça.

Temos avisado tanto pais como os meninos, de que não devem andar caçando mesmo com tal arma, sem qualquer licença. E como agora tivéssemos conhecimento que fora publicado o ofício n.º 74175-A-6/3-670915, da Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas (Serviço de Caça, Pesca, Regime Florestal e Protecção da Natureza), logo nos recordamos de o transcrever, para que assim, não se diga, como sempre se diz, — eu não sabia!

«Têm chegado, junto desta Direcção-Geral e das Comissões Venatórias reclamações de indivíduos que se insurgem contra o facto de ser frequente encontrar pessoas, (muitas vezes até menores de 12 anos que, por força do disposto no Art. sexto do Decreto n.º 47847, de 14-8-967, não podem caçar), munidas das espingardas do tipo vulgarmente conhecido por Flaubert e espingardas de pressão de ar, a caçar pequenas aves nas árvores dos arruamentos, jardins e parques das povoações e dos caminhos públicos.

É possível que, essas pessoas, liguem evidentemente, ao facto de não serem necessárias licenças de uso e porte de arma para espingardas destes tipos, a ideia de que o seu uso não está condicionado ao determinado pelo Decreto n.º 47847.

Assim não é, e de acordo com o artigo dezasseis, deste decreto, para caçar, qualquer espécie de aves, desde que não se trate do caso previsto no artigo cem, do mesmo diploma legal, qualquer que seja o meio utilizado, torna-se necessário que o caçador seja titular dos documentos referidos naquele artigo.

Ainda, o exercício da caça é proibido, mesmo para caçadores devidamente documentados qualquer que seja o meio utilizado, em torno de povoações, escolas, quartéis, institutos científicos, hospitais, asilos ou estabelecimentos similares, numa área que envolve estes estabelecimentos e dela excedente, com um raio de 250 metros.

É, ainda, proibido caçar nas praças, parques, estradas, linhas de caminho de ferro e praias de banhos; é também proibido caçar, sem autorização dos proprietários, em terrenos murados ou vedados, nos quintais, viveiros, pomares, parques e jardins anexos à casa de habitação e, bem assim, em quaisquer terrenos que circundem as casas de habitação, numa área de 300 metros de raio.

Assim, quem caçar nos locais indicados, está em contra-venção com o determinado na legislação citada e, nos termos do artigo 218, do mesmo decreto, tal facto é punível com a multa de 500\$00 a 5.000\$00, independentemente, ainda, de outras penalidades previstas na lei. Assim tenho a honra de solicitar a V. Ex.ª para este facto e esclarecer que, nomeadamente, a caça de pequenas aves, nas povoações, vilas e cidades, nas ruas, jardins ou parques, é punível pela forma atrás referida.

Vem pois este ofício a propósito. É necessário, que quem tem filhos e que costumam usar destas tais armas, quer pelos campos, quer fora deles,

os chamem à atenção e para evitar certos males, (as multas serão pesadas?) mandem pendurar essas armas, para que passem a ser consideradas de ornamentação, isto se assim o desejarem, é claro. Se não se der protecção às aves, daqui a pouco a bicharada tudo comerá. Assim como se tem feito, é que não está certo. E é que certos papás não se conformavam com tal proibição. Desta vez, este ofício parece que esclarece bem. E meus meninos, já sabem, não os desejo ver mais com as Flaubert ou pressão de ar, às costas e muito menos com uma fiada de pássaros enfiados num arame ou cordel. Isso de agora em diante terminou, para bem de Todos.

José Rebelo

Aliança Francesa

As terças e sextas-feiras, pelas 18,30 horas, funcionam na sala da nossa Biblioteca Municipal os cursos da Aliança Francesa.

As pessoas que ainda se quiserem inscrever para a frequência do corrente ano lectivo poderão dirigir-se ali a fim de colher as informações que julguem necessárias.

Segundo nos informam, apesar das inúmeras vantagens que estes cursos oferecem e até da módica quantia cobrada pela mensalidade, o número de inscritos na cidade de Tavira é irrisório antevendo-se já, se não se verificar mais interesse por parte do público, o seu possível encerramento, o que é uma nota aborrecida na época em que vivemos e em que a cultura das línguas é indispensável.

Vida Desportiva no Ultramar

Carlos Rocha em destaque

O português Carlos Rocha venceu o sul-africano Vystaat ao terceiro assalto, por assentamento de espáduas, depois de o ter atordoadado com uma cabeçada, durante a última sessão realizada em Luanda a contar para o Torneio Internacional do Ultramar de Luta-Livre Americana. (A.N.I.)

Saudamos por isso aquele nosso conterrâneo que tem sido um dos mais vigorosos desportistas da sua geração, fazendo votos pelos seus triunfos futuros.

GRALHA

No último número do nosso jornal no artigo «Relembrando», da autoria do sr. Dr. Jorge Correia, uma maldadada gralha poison na palavra «pronunciám» quando devia ler-se «pronunciam».

São coisas que acontecem, que nos perdõem o autor e os nossos leitores.

Transcrição

O nosso prezado colega «Educação Nacional», do Porto, no passado dia 9 do corrente, transcreveu grande parte de um artigo publicado no nosso jornal, em que nos referíamos à preocupação das esferas superiores da governação pública pela ausência de candidatos às «Escolas do Magistério». Os nossos agradecimentos.

EMPREGADA

Com o exame da 4.ª classe, residente em Tavira, precisa-se, para serviços de escritório.

VENDE-SE

Uma casa na Rua 1.º de Dezembro, n.º 25.

Tratar com Azinheira, Irmão Limitada — Tavira.

PRÉDIO

Vende-se na Praça Dr. Antónino Padinha, n.º 45-46 e 48.

Tratar com Dr. João Centeno, Telefone 61 — Lagos.